

A “nação” nas redes sociais e na política brasileira

The “nation” on social networks and on the brazilian politics

Luciane de PAULA (UNESP)
lucianedepaula1@gmail.com

Fábio Augusto Alves de OLIVEIRA (UNESP)
Fabio.Augusto357@live.com

Recebido em: 02 de abr. de 2020.

Aceito em: 29 de jun. de 2020.

PAULA, Luciane de; OLIVEIRA, Fábio Augusto Alves de. A “nação” nas redes sociais e na política brasileira. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1858, p. 1-23, set.-dez./2020. DOI: 10.36517/2237-6321-31858.

Resumo: Este trabalho se fundamenta teórica e metodologicamente nos estudos bakhtinianos e se propõe a analisar a concepção de “nação” como signo ideológico, seja verbal, vocal, visual ou sincrético, expresso em enunciados multimodais veiculados nas redes sociais (por meio da bandeiras ou das cores nacionais, de frases-slogans e outras formas) e sua função na política brasileira atual (2018-2019). As plataformas digitais, na contemporaneidade, têm cumprido, dentre outras, a função de arena discursiva, onde se confrontam juízos de valor e vozes sociais as mais diversas. Três *posts* do Facebook compõem o *corpus* de análise deste artigo para reflexão a que se propõe. Coletados em páginas de cunho político, os *posts* trazem, mais explicitamente, a tensão social sobre o que é “Brasil” para sujeitos e grupos distintos. Signo ideológico é o conceito que sustenta a análise empreendida. Este artigo discute o embate acerca da noção de “Brasil”, na esfera política, bem como as formas de ressignificação do signo ideológico, na circulação social midiática. Debater acerca do papel do signo ideológico como fenômeno de linguagem se justifica, tanto teórica quanto analítica e socialmente, pela importância desses

ambientes na contemporaneidade. A análise incide sobre o funcionamento discursivo de esferas que, cada vez mais, se confundem, em interação oficial e não-oficial. Os resultados revelam o quanto as redes sociais (exemplificadas aqui pelo *Facebook*) são formas da vida do signo discursivo que reflete e refrata a prática como ato social.

Palavras-chave: Estudos bakhtinianos. Signo ideológico. Nação.

Abstract: This work is theoretical and methodologically based on the bakhtinian studies and proposes to analyze the conception of “nation” as an ideological sign, either verbal, vocal, visual or syncretic, expressed by multimodal utterances transmitted on social networks (through the use of the national flag or colors, slogans and other forms) and its function on the present brazilian politics (2018-2019). The digital platforms, in contemporary times, have fulfilled, among others, the function of a discursive arena, where the most diverse value judgments and social voices are confronted. Three posts from Facebook composes the corpus of this article to the reflection that it proposes. Collected on pages with political nature, the posts bring, more explicitly, the social tension about what is “Brazil” to different persons and groups. Ideological sign is the concept that holds the analysis undertaken. This article discuss the conflict about the notion of “Brazil”, on the political sphere, as well the forms of resignification of the ideological sign, in the mediatic circulation. To debate about the role of the ideological sign as a language phenomenon is justified, as theoretical as analytical and socially, by the importance of those environments on contemporaneity. The analysis focus on the discursive functioning of spheres that, increasingly, are confused, in official and non-official interaction. The results reveal how much the social networks (here exemplified by the Facebook) are the life of the discursive sign that reflects and refracts the practice as a social act.

Keywords: Bakhtinian studies. ideological sign. Nation.

Introdução

Este artigo analisa, fundamentado nos estudos bakhtinianos, três *posts*, em que a concepção de “nação”, entendida como palavra, expressa pelo signo ideológico, explicita posicionamentos valorativos contemporâneos. Palavra, aqui, é usada, segundo Volóchinov (2013), em sentido alargado, equivalente a signo ideológico. Conforme o autor, “Toda a sua realidade [da palavra] é integralmente absorvida na sua função de ser um signo.” (2017, p. 98). Signo de linguagem que, nos estudos bakhtinianos, é tridimensional. Independente da materialidade (verbal, vocal/sonora, visual, sincrética ou multimodal – sendo verbo-visual, verbo-musical, voco-visual, verbo-musical ou verbo-voco-visual), sempre, potencialmente verbivocovisual, conforme Paula (2017), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020a, 2020b).

Ao tratar a concepção de “nação”, este artigo faz referência ao processo de sentido do signo ideológico, que se materializa de modos variados – nos *posts* selecionados, pela bandeira, pelas cores, por figuras retóricas (ironia, metáfora, metonímia, antítese) e por processos bivocais (com uso de discurso direto, indireto e/ou indireto livre).

Ainda que os enunciados não tragam verbalmente o termo “nação”, essa noção se firma a partir da materialização verbivocovisual de outros signos (verbais/vocais e visuais, em interação, formando a unidade arquitetônica enunciativa, marcada pelo posicionamento axiológico dos autores-criadores, assumidos tanto por seu estilo quanto pelo gênero utilizado, também em construção interativa, para expressar o seu projeto de dizer). Afinal, conforme Volóchinov, “É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sígnica.” (2017, p. 99). A partir dos *posts*, analisam-se os valores de “Brasil” que compõem a concepção de “nação”. A palavra, aqui, toma as proporções alargadas concebidas por Volóchinov (2013), de enunciação.

Os *posts* selecionados pertencem a páginas de Facebook com teor político: o primeiro demonstra uma concepção de “Brasil”, ressignificada nos demais. Este artigo preza pela dialogia em sua estrutura, pois teoria e análise caminham juntas ao longo do texto. As próximas seções se dedicam ao percurso metodológico; ao debate teórico sobre signo ideológico; à análise dos três enunciados, discutidos como atos (BAKHTIN, 2010b) de linguagem, mas essa sistemática em interação.

A concepção de “Brasil” explicitada nos *posts* diz respeito a um projeto político, histórico e social. De acordo com Hall (2011, p. 49), “Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*.” (Destaques do autor). Este é o ponto de vista aqui assumido. No contexto das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, em que houve um embate entre posições sócio-políticas de maneira intensa, a diferença e a cisão de valores entre sujeitos e grupos afloraram como juízos de “Brasil” em disputa. Vozes destoantes ecoam nos signos, constituídos como reflexo e refração de determinada perspectiva e posicionamento. Cada projeto político re-vela um sentido e denota o embate multifacetado de vozes, materializadas na/pela linguagem. Esse duelo, a partir do qual o signo ganha vida, é o que o presente artigo analisa, como parte do processo de constituição de uma noção de nação.

Segundo Hall: “Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural” (2011, p. 60). Ribeiro (2018) afirma que o debate político no Brasil hoje compreende duas narrativas contrastivas: *antipetistas* e *anti-antipetistas*. Nesse contexto, nascem

os enunciados aqui elencados. A rixa entre bolsonaristas (eleitores, apoiadores e seguidores de Jair Messias Bolsonaro) e petistas (eleitores de candidatos do Partido dos Trabalhadores, considerados militantes) marca o cenário. Este artigo compreende que há um momento de tensão na política brasileira, centrado nas eleições presidenciais de 2018 e no início (primeiro semestre) do governo de Bolsonaro, em 2019.

Em um cenário mundial, em que as direitas ascendem novamente, o Brasil enfrenta essa explosão, com uma campanha orquestrada por setores econômicos. Essa “campanha” se calca na divisão social-ideológica: um grupo representado pelo “vermelho” (considerado “comunista” e “petista”) e um simbolizado pelo “verde e amarelo” (entendido como “nacionalista” e “brasileiro”) que, como já analisado em outro texto (PAULA e OLIVEIRA, 2019), leva ao separatismo, pois, para determinado grupo, os valores do outro, diferentes dos seus, são condenáveis e, com isso, a manobra política se instala de maneira sórdida, violenta (simbólica e fisicamente), por meio de enunciados compostos com linguagens variadas – as estratégias discursivas são semelhantes, ainda que os signos e a valoração, na manifestação, pareçam opostas/divergentes.

Os mecanismos de ataque, por exemplo, com uso de *fake News* são semelhantes. Mesmo que um discurso se volte a concepções contrastantes (direitos humanos, autoritarismo, prática democrática ou totalitária), em sua estrutura, comporta-se de maneira similar – pela acusação, ridicularização, apontamento ao outro, muitas vezes, de maneira violenta ou humorada (outro tipo de violência, a depender da configuração).

Essa polaridade divide sujeitos em diversas esferas e as relações (em todos os níveis) têm se reconfigurado a partir da alteração organizacional sociocultural estabelecida. Refletir sobre esse embate, materializado a partir da concepção de “nação” (que remete às ideias de “progresso” e “retrocesso”, “humanidade” e “desumanidade”, “hegemonia” e “resistência”, entre outras), é a proposta deste artigo, tendo em vista a relevância social da temática.

Este trabalho se dedica a discutir como, a partir de um mote (“nossa bandeira jamais será vermelha”, interpretado de modo distinto em cada enunciado), a noção de “nação” é ressignificada, tendo em vista que, segundo Volóchinov, “[...] *as relações de classes, refratando-se nas palavras, impõem-lhe certo sombreamento do significado, incluindo nela certo ponto de vista e dando-lhe certa avaliação*” (2013, p. 200, destaques do autor). Por meio dessas visões, o signo (sempre ideológico) ganha

vida, mobilidade e é ressignificado. A proposta aqui é refletir sobre esse processo como parte de realidades contrastivas e contraditórias que se retroalimentam dialética-dialogicamente.

Apontamentos metodológicos em diálogo

Este texto, estruturado de maneira dialógica, em que teoria e análise caminham juntas, analisa, a partir de três *posts* de *Facebook* transmitidos também em outras redes sociais (como *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp*, por compartilhamentos), de três páginas diferentes do *Facebook*: *Vem Pra Rua Brasil*, *Jornalistas Livres* e *Humor Político*. A escolha das páginas se pautou em quatro critérios: o cunho político (critério temático); o número (mais de 50.000) de curtidas (critério quantitativo); o recorte sincrônico de publicações, coletadas de outubro de 2018 a maio de 2019 (critério temporal), no Brasil (critério espacial).

No caso dos três enunciados aqui analisados como exemplos de uma pesquisa já desenvolvida e desdobrada em outra para aprofundamento da temática, pode-se ver os posicionamentos axiológicos de grupos que representam vozes sociais opostas em embate. O primeiro e o terceiro *posts* foram publicados em outubro de 2018 e a escolha se pautou na movimentação discursiva da concepção de “nação” no momento final de campanha das eleições presidenciais, realizadas naquele mês e ano no Brasil, de maneira intensa. O segundo *post* é de maio 2019, início do governo eleito, escolhido para verificar se houve mudanças discursivas em relação à temática, pelo deslocamento temporal e pela contextualização da configuração política. Os *posts* mantêm uma relação fundamental entre si: a concepção de “nação” e a bivocalidade (BAKHTIN, 1988) constituem a responsividade dos enunciados em sua polivalência social.

Parte-se de um *post* que materializa uma aspiração social para, depois, discutir-se o processo responsivo, típico da linguagem, concebida como dialógica. Esse recorte, desse modo, objetiva contemplar o fenômeno da ressignificação do signo ideológico que concebe “nação”, tanto em meio à eleição presidencial quanto depois de sua efetivação.

A teoria bakhtiniana fundamenta este artigo por sua centralidade na dialogia. A linguagem, nessa visão, é histórica, social e ideológica. Este trabalho analisa, dialética-dialogicamente, o processo de ressignificação do signo ideológico na política brasileira, como fenômeno contemporâneo da linguagem (VOLÓCHINOV, 2019a, 2019b,

2019c, 2019d), a partir de um fragmento, que materializa aspirações circundantes de tensões sociais e compreende a linguagem como tridimensional, tal qual concebe Paula (2017), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020a, 2020b), marcado pela multimodalidade, denominada pela pesquisadora como verbivocovisual. Nesse sentido é que as cores, o foco, os planos, a tipografia, o tamanho das letras, a horizontalidade e a verticalidade das imagens, a disposição dos lexemas, a entoação, o tom, o ritmo e as figuras de linguagem (ironia, metáfora, metonímia e antítese) são elementos constitutivos do enunciado que devem ser analisados de maneira integral, pois compõem a unidade arquitetônica autoral e genérica do texto/discurso. Além de Paula, fundamenta-se aqui, entre outros pesquisadores, como Haynes (2008), por ser referência ao que se refere à visualidade, estudada na perspectiva bakhtiniana.

Os três enunciados coletados são, ao mesmo tempo, elo na cadeia e singulares, bem como possibilitam reflexão acerca das dinâmicas da bivocalidade (BAKHTIN, 1988, 2015). Bakhtin afirma que “As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalinguística” (2010a, p. 208). Considera-se, tal qual Volóchinov (2013, 2017), a palavra como signo ideológico. Ao analisá-la, este artigo trata das ressonâncias sociais em processo responsivo. As relações de sentido entre os três enunciados, que expressam uma concepção de “nação”, pautadas no conflito socioideológico da política brasileira, são o mote da investigação: como a “mesma” construção verbal assume sentidos distintos ao satirizar e ironizar determinado enunciado e a valoração que o constitui.

De acordo com Bakhtin, “[...] a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra [...]” (2010a, p. 232). Com o olhar voltado à resignificação, este artigo busca analisar o embate enunciativo que o torna, como afirma Volóchinov (2017; 2013), a arena/palco de vozes sociais.

Signo ideológico: concepção dialógica constitutiva

Tomam-se os *posts* como enunciados (concretos) vivos na cadeia discursiva, responsivos uns aos outros e plenos de sentidos e valores. Atos de linguagem situados, que materializam posições sociais, os *posts* se caracterizam da seguinte forma: o primeiro esboça

determinada perspectiva ideológica sobre Brasil; e os outros dois ressignificam, pela ironia, os valores de “nação”, aos quais respondem. Esse processo ocorre pela potencialidade de sentidos do signo, valorado pelos embates sociais.

Ao que se refere à ironia, Bakhtin (2011) a entende como um recurso enunciativo utilizado em situações ou mesmo períodos históricos em que a interdição se encontra instaurada pelas esferas de poder. De acordo com o estudioso da linguagem, a ironia é um modo específico de responsividade, que parte de dado enunciado para “repeti-lo” em outro tom (geralmente ácido), relacionado a planos e dimensões distintas e não-coincidentes da linguagem. Com isso, causa o riso que relativiza uma dada “verdade” e leva ao questionamento ou mesmo ao destronamento, pela inversão cômica, que tira leveza do peso ordinário do denotativo/literal, para, de maneira até ácida, criticar e se posicionar em oposição aos valores explicitados no enunciado ao qual responde. Para o filósofo russo, a ironia surge como forma de superar situações (consideradas sem saída ou absurdas), uma alternativa de libertação por meio da citação (seja por meio de discurso direto, indireto ou indireto livre).

Ao denotarem um valor sobre o Brasil, os *posts* colocam em jogo visões políticas distintas. Nos termos de Volóchinov, “Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*.” (2017, p. 91). Ao mobilizar as cores, por exemplo, os enunciados lidam com o reflexo e a refração de posições sobre “vermelho” e “verde e amarelo”. Essas construções expressam uma concepção de “nação” e de projeto político.

A ideologia, nos estudos bakhtinianos, constitui a linguagem e explicita uma visão de mundo. Volóchinov (2017) explica que o material ideológico possui uma significação como reflexo e refração da realidade. A concepção de ideologia está atrelada à produção e aos atos de linguagem, que evidenciam um ponto avaliativo, construído por meio de vozes sociais. Segundo Volóchinov, “Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que *se sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas *sígnicas*.” (2013, p. 138, destaques do autor).

A noção aqui apresentada diz respeito a visões e interpretações de mundo diversas, que se materializam de modo também variado. A ideologia torna o signo polivalente: a concepção de nação recebe todo o conjunto de reflexos e refrações de tal modo que a ideia de Brasil ganha complexidade devido aos embates sociais e discursivos.

Se a ideologia habita o signo, a forma com a qual se lida com a concepção de “nação” aqui não a separa da vida social. Ao contrário. Compreende-se que só pode haver signo, na visão bakhtiniana, na interação social. Por isso, embora se trate de uma noção, ao compreendê-la como arena de confronto sócio-ideológico, a discussão aborda, sem deixar o plano linguístico, as visões de mundo, as vozes sociais, os juízos de valor embutidos nas palavras (signos ideológicos) que a refletem e refratam. Afinal, “A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social.” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 157).

Segundo Medviédev, “Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual –, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social.” (2012, p. 183). Ao analisar os *posts*, este trabalho reflete acerca do funcionamento da linguagem, em sua verbivocovisualidade (PAULA, 2017; PAULA e SERNI, 2017, PAULA e LUCIANO, 2020a, 2020b). A concepção de “nação” manifesta nos enunciados e suas relações entre “eu” e “outro”, na cadeia discursiva, evocam, no grande e no pequeno tempo, respostas avaliativas diversas. Conforme Volóchinov, “A palavra, por sua própria natureza intrínseca, é *desde o início* um fenômeno puramente ideológico. Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser um signo.” (2013, p. 193). Os posicionamentos expressos nos enunciados dizem respeito a aspirações sociais, que dão o tom do embate ideológico sógnico.

Em embate, a “nação”

A ideia de “nação” é construída nos três *posts* aqui analisados, a partir, principalmente, da bandeira nacional e suas cores. A plurissignificação do signo reside na interpretação da vida [BAKHTIN (VOLOSHINOV), s/d]. Segundo Volóchinov, “Uma mesma palavra, uma mesma expressão, pronunciadas com uma entonação diferente, toma um significado diferente.” (2013, p. 174). Não há uma concepção de “nação”, há várias, orientadas socialmente.

A bandeira nacional é um ícone muito usado no Brasil, especialmente por sujeitos ufanistas e remete a questões de moralidade. Na ditadura militar, tanto quanto neste momento histórico de ascensão da extrema direita no Brasil novamente, esse signo ideológico (bandeira

nacional) aparece como ícone de certa ideia de brasilidade. Ela é usada, assim como a camiseta da CBF da seleção de futebol masculina, como símbolo de ultranacionalismo, conservadorismo e tradição que engendra os sujeitos como guerreiros-torcedores em prol da nação-time. A bandeira é tomada como mote de “bem”, daqueles que lutam em defesa da pátria.

Com o hino nacional, a bandeira (e a camiseta da seleção brasileira de futebol) alavanca um patriotismo cívico que remete aos moldes militares ditatoriais, usados, inclusive para distrair as pessoas acerca dos abusos cometidos (em todas as esferas – a corrupção financeira, a perseguição e tortura de questionadores, entendidos como “inimigos”, entre outros).

Aqui, os *posts* são apenas exemplos desse movimento, estudado de maneira mais ampla em pesquisa em desenvolvimento, com coleta quantitativa que remete, qualitativamente, às valorações e às estratégias discursivas aqui analisadas em ilustração (limitada a três enunciados, dada a delimitação, tanto genérica quanto extensiva de um artigo científico e das normas da revista), em embate de vozes.

O primeiro *post* é oriundo da página *Vem Pra Rua Brasil*¹, que busca um “Brasil” “puro, verde e amarelo”, cujo “brasileiro” defende a “nação” contra o “vermelho”, entendido como rival “comunista”, “perigoso”, a ser combatido.

As concepções sociais adversas materializadas nas cores, que, segundo a investigação feita para este trabalho, refletem e refratam posições axiológicas que, para as vozes enunciadas, dizem respeito, respectivamente, ao patriotismo militar “verde e amarelo”; e ao PT, entendido como “comunismo”, “vermelho”.

Essas visões sócio-políticas ecoam no primeiro *post*: o verde e amarelo remete ao “bem”, ao nacional heroico; e o vermelho, sinônimo do impuro, corrupto, mal. Os dois outros enunciados analisados fazem uma sátira a essa concepção: no segundo, a tônica se volta à submissão e hipocrisia do verde e amarelo; no terceiro, à violência e à intolerância. As cores se relacionam à bandeira (do Brasil e dos Estados Unidos) e compõem visões de “Brasil”.

¹ Movimento expressivo no Brasil desde 2013, com manifestações sobre a tarifa do transporte público em São Paulo, mas não só, pois se alastraram e se desdobraram em outras pautas, especialmente contra o Partido dos Trabalhadores (PT) e a corrupção, em todo o país. A relevância desse movimento, com a adesão em massa de muitos adeptos, inclusive em sua página, muito popular – não apenas com muitos seguidores, mas também replicadores que compartilham seus posts em outras redes e mídias – também foi considerada para a escola de análise de um de seus posts.

A figura 1 traz à cena a bandeira nacional hasteada, com uma perspectiva de foco de baixo para cima (o que fica marcado pelo tamanho das letras e da imagem da bandeira na parte baixa e superior do *post*). Essa configuração denota hierarquia e poder, visto que demarca um território e posições: o leitor, ainda que faça o movimento de leitura do verbal de cima para baixo, é colocado em frente ao *post* abaixo da bandeira (símbolo da nação) e a observa de baixo para cima, quase que como um fiel diante de algo maior e mais poderoso, o que remete a/ dialoga com o *slogan* da campanha e dos discursos do então candidato e, agora, presidente do Brasil, Jair Bolsonaro: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, como pode ser visto:

Figura 1 – Vem Pra Rua Brasil



Fonte: Facebook (2018)².

Em outro plano, o céu azul, com poucas nuvens e a parte baixa do *post* amarela, com escrita verde militar por cima confirmam o poder militar na base, como sustentáculo do Brasil. O sol que ilumina vem de baixo, dos leitores-eleitores, não do céu, plácido, azul com escrita branca, “divino”. Todo o enunciado é composto pelas cores da bandeira nacional.

A bandeira se encontra no centro da imagem, junto à inscrição verbal: “nossa bandeira”, em branco e no topo; “jamais será vermelha” embaixo, em verde, com letras maiores em dois tamanhos distintos, sendo, o lexema “vermelha” a maior delas e mais baixa. Na base do mastro, a negação (jamais) com traço semântico temporal (passado –

² Disponível em: <https://www.facebook.com/vempraruia.net/posts/1287267571454588:0>. Publicado em: 28 out. 2018. Legendado como: “A nossa bandeira jamais será vermelha!”. Acesso em 17 out. 2019.

presente e futuro), eterniza, pois intensifica, a afirmação subjacente, em oposição pressuposta.

As cores e o desenho marcam, na dimensão visual, uma visão ideológica expressa pelo verbal/vocal. O alvo é o “vermelho” graficamente destacado, próximo, baixo e de outra cor (verde militar). As cores, tanto as usadas quanto a ausente, representam posições sociais em embate e concepções de “nação” ligadas a projetos políticos divergentes: o nacionalista “verde-amarelo” ufanista e o “vermelho” considerado o inimigo “comunista” aniquilado (pelo verde militar que o grafa e pelo amarelo ouro que o embala ao fundo).

Conforme Volóchinov, “Qualquer fenômeno ideológico sógnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante”. (2017, p. 94). As cores também representam posições sociais: aqui, o embate entre concepções de “nação” ligadas a projetos políticos (o “verde-amarelo” e o “vermelho”). Não são, pois, apenas cores (ou lexemas, signos linguísticos desprovidos de valores), mas construções ideológicas que refletem e refratam visões de mundo de grupos sociais.

A bandeira é um signo essencialmente ligado à nação. Há uma metonímia desenvolvida no enunciado: a bandeira é parte de um todo, a nação, e o representa ideologicamente de modo sógnico, aclamada hierarquicamente por fiéis e “Deus” (a bandeira e o céu, acima de tudo e todos – como no *slogan* de Bolsonaro). Assim, ao negar o “vermelho”, a posição enunciativa na figura 1 nega também o projeto político de uma “nação” calcada nos valores de “vermelho”, incutidos de maneira pressuposta (tomados como conhecidos e, por isso, desnecessário estarem explicitados, pois marcados como dados).

O “Brasil”, no primeiro *post*, opõe-se às aspirações que constituem a carga ideológica do “vermelho”, pressuposto comopositor (o PT, o comunismo etc). Trata-se de um jogo político-social viabilizado e materializado na/pela linguagem, de maneira dialético-dialógica, marcada pelo movimento tese (verde-e-amarelo) e anti-tese (vermelho), sem solução, uma vez que a síntese engata outras vozes e posicionamentos, em movimento ininterrupto (dialógico), com vozes alteradas e que se alteram e alternam entre tese e anti-tese.

A legenda do *post*, que também integra o enunciado, apresenta a mesma configuração de sentido (com a diferença da exclamação que, junto do imperativo marcado pelo verbo de maneira coloquial, denota ordem). O desdobramento dos projetos políticos coincidentes marca

a fusão autoral e genérica arquitetada estilisticamente (BAKHTIN, 2015; VOLÓCHINOV, 2019d) no *post*: a reiteração de uma aspiração socioideológica de apagamento e superação (troca do “vermelho” pelo “verde e amarelo”, do PT pelo PSL, do “comunismo” pelo “neoliberalismo”, da esquerda pela direita). A página marca um juízo de valor ao vincular o *post* em seu perfil e ao destacar e corroborar com uma visão de “Brasil” construída. Há, nesse sentido, uma forte convicção quanto à “cor” da bandeira, como projeto político “verde e amarelo”, nacionalista, que constitui a concepção de “nação”, hierarquicamente expressa do ponto de vista desse grupo (página e seus seguidores).

O pronome possessivo na primeira pessoa do plural (“nosso”) cria sentido de união, de conjunto e inclui o “eu” a um “outro” específico (os “brasileiros nacionalistas”, “verde e amarelos”, armamentistas, militares, conservadores de direita). Tal termo faz oposição ao “dele” (um “outro”, diferente, oposto/inimigo, “comunista”, “petista”, de esquerda, “vermelho”). A construção do “nosso” está demarcada nas cores e no desenho da bandeira nacional. Tal como aponta o Círculo, a língua(gem) torna-se viva, valorativa e plural na interação social, como ocorre aqui: não apenas cores, pronomes, advérbios, lexemas, tempos verbais, mas sim táticas e sentidos discursivos que denotam projetos políticos opostos quanto à constituição de “nação” e de sujeito (Brasileiro).

Nos termos de Volóchinov, “A realidade do signo é inteiramente determinada por essa comunicação [social]. Pois a existência de um signo nada mais é que a materialização dessa comunicação. Isso se refere a todos os signos ideológicos.” (2017, p. 98). Como será visto, os outros dois enunciados satirizam a posição social da figura 1 por meio da polissemia do signo ideológico “vermelho”. As relações de sentidos aqui discutidas são exemplos da concepção dialógica da linguagem, na qual o signo (ideológico) é arena/palco de embate social.

O “nós”, como expressão de um sujeito que enuncia, apresenta uma filiação ao projeto político que tomou como identidade a ideia de “Brasil” verde e amarelo. Há um “ser brasileiro” imbuído pelo espírito de união que defende e assume posições sociais nacionalistas. Ao mesmo tempo em que o plural inclui (“nós”, aparentemente todos), também exclui ao se opor a um “eles” (os diferentes, “vermelhos”). Essa estratégia tenta angariar eleitores e causar o efeito de “democracia”. A exclusão, com tom pejorativo, quer criar o efeito de repulsa aos leitores, pois quem com o “vermelho” se identificar, coloca-se no lugar do

“mal”, do “inimigo”. Estratégia persuasiva. A língua(gem) assume o tom (visual e vocal) e a entoação (o brado vocal) de um grupo a faz soar de um modo específico, o que significa ser brasileiro (do “bem”) e o que é o Brasil. As cores, os pronomes, os advérbios, os substantivos e os verbos, a construção sintático-semântica, o tipo, tamanho e disposição do texto verbal, o ângulo, o desenho e os planos no âmbito visual, enfim, toda a configuração enunciativa expressa sentidos que explicitam uma visão político-ideológica de “Brasil”.

Segundo Hall, “Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]” (2011, p. 51, destaque do autor). Em termos bakhtinianos, uma cultura e seus signos, materializados de formas diversas, organizam a vida social de uma determinada maneira, a partir de juízos de valor e posicionamentos, sempre ideológicos. Por esse motivo, tratar a “nação” implica também refletir sobre um “ser brasileiro”, as histórias e narrativas que o compõem como “nativo”, ainda que o termo seja um adjetivo (um qualitativo) pátrio, filologicamente, advindo de um substantivo que denotava uma profissão: a de vendedor de objetos nacionais (pau Brasil, entre outros, aos colonizadores, na época do “descobrimento”).

A figura 2 é composta pela “mesma” construção verbal, valorada, contudo, de modo diverso. Como todo enunciado é único e, ao mesmo tempo, elo na cadeia discursiva, esse é outro enunciado, tecido por outras vozes sociais. Conforme Bakhtin,

Esses valores dos enunciados também não são determinados por sua relação com a língua (como sistema puramente linguístico) mas por diferentes formas de relação com a realidade, com o sujeito falante e com outros (alheios) enunciados [...] (2011, p. 329-330).

Nesse sentido, o enunciado, tal como entendido pelo Círculo, só existe na língua social e em relação de alteridade com o “outro”, que o constitui responsivamente. A partir de uma construção verbal/vocal e visual, a figura 2 ironiza a voz social assumida expressa no primeiro *post* e relativiza a valoração atribuída a “jamais” e a “vermelho”, bem como ao nacionalismo verde e amarelo. A palavra “outra” é interpretada no contexto do “eu” e, assim, ressignificada:

Figura 2 – Jornalistas Livres

Fonte: Facebook (2019)³.

A mudança de sentido com a construção verbal vista na figura 1 compõe, num outro enunciado, outra valoração de “nação”. Como aponta Volóchinov, “[...] as palavras do falante estão sempre embebidas de opiniões, de ideias, de avaliações que, em última análise, são inevitavelmente condicionadas pelas *relações de classe*.” (2013, p. 196, destaque do autor). Ao trazer determinada construção realizada anteriormente com outra significação, uma sátira se estabelece como crítica ao posicionamento anterior. A ressignificação se instala pela ironia, na polissemia do “vermelho”.

Se, antes, o “vermelho” tinha uma valoração alusiva ao PT e ao comunismo, aqui, há outra, à servidão aos Estados Unidos (marcada pelo desenho da bandeira que também aparece nesse *post*, mas não mais a bandeira brasileira e sim a estadunidense, em primeiro plano, tapando os sujeitos que se encontram atrás dela, liderados por um único, com expressão cerrada e gesto de arma com as mãos – alusão ao gesto que marcou a campanha de Bolsonaro, pautada na defesa ao armamento – e seguido pelos demais.

Todos vestidos com a camiseta canarinho da seleção brasileira – outro signo ideológico muito usado não mais por torcedores, mas sim por eleitores do então candidato citado, que se autodesignam patriotas – esse uso muda o sentido da camiseta da CBF, inclusive dada a movimentação entre as esferas do entretenimento do esporte e da política.

A representação de nação, agora, pauta-se na subserviência colonial (não mais a Portugal, mas aos Estados Unidos) e os dois *posts* em diálogo revelam o embate marcado pela materialidade sógnica enunciativa da linguagem. Trata-se de outra representação de nação, marcada pela bivocalidade do signo ideológico.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/photos/a.292153227575228/1181479335309275/?type=3&theater>. Publicado em: 28 mai. 2019. Legendado como: “Por JBosco”. Acesso em: 17 out. 2019.

Os sujeitos representados são aqueles que, tal qual na figura 1, defendem o “verde-amarelo” da bandeira nacional. A diferença é o tom da enunciação, pois, na figura 2, eles são criticados, uma vez que sua hipocrisia e alienação são reveladas pela troca da bandeira desenhada. Há uma correlação entre a massa representada no *post*, o caráter de brasileiro (calcado nas cores da bandeira nacional) e o de eleitor de uma campanha política bem específica e muito marcada (pelo patriotismo militar – os sujeitos do *post* marcham, como um pelotão – e pelo armamento).

Nessa direção, o “nós” e o “nossa” ganham face, gesto e postura: massa homogênea alienada/robotizada, marcada pela contradição que diz defender o nacional e, em ato/ação (BAKHTIN, 2010b), serve a um dos países mais poderosos do mundo (os Estados Unidos), como colônia de exploração que o carrega/sustenta.

O sujeito, no pensamento bakhtiniano, constitui-se na interação, valorativa. Na figura 2, a massa é reflexo e refração de vozes sociais. Nos termos de Volóchinov: “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social.” (2017, p. 95). A construção verbivocovisual dos “brasileiros” diz respeito a uma posição política exaltada na figura 1 e criticada pela ironia na 2. A oposição entre “nós” e “eles” constitui a identidade de um brasileiro-eleitor em contraposição a outro, ambos vinculados a uma entoação social. O sujeito e suas relações compõem sentidos na interação, via alteridade.

A contradição do “sujeito verde e amarelo” reside no contraste entre a construção verbal/vocal e a visual. A crítica a esse sujeito se volta à incongruência de negar o “vermelho” existente na bandeira que carrega. A questão é o juízo de valor residente na cor. Na figura 1, o “vermelho” é signo de um projeto e partido político específicos, contra o qual o “Brasil” deve lutar. Essa continua a ser a posição, porém, na figura 2, o “vermelho” é outro, pois se refere à bandeira estadunidense. O inimigo muda: o capitalismo ianque é criticado como o “mal” a ser combatido. A troca das bandeiras no desenho revela a ironia e o posicionamento do autor-criador. Como são sujeitos “verde e amarelo”, cuja identidade tem correlação com uma marca nacionalista ufanista de Brasil, a contradição também resvala na defesa que não percebem fazer: seres brasileiros, que defendem, na fala, a bandeira nacional, mas portam, em ato, outra, a dos Estados Unidos, como massa

homogênea que sequer vê o que carrega (atrás da bandeira) e segue um comandante militar (em alusão a Bolsonaro – capitão aposentado da reserva, defensor do militarismo).

Um “vermelho” é aceitável, outro não. A ironia opera ao denotar sujeitos “brasileiros” submissos ao “vermelho” estadunidense. Esse segundo enunciado demonstra, além da contradição e da hipocrisia de um eleitorado que desconhece ou não quer enxergar ou ainda coaduna com os valores que propaga, uma relação Brasil e Estados Unidos, em que o segundo é exaltado e louvado pelo primeiro, como “nação” exemplar que deve ser seguida de maneira submissa (colonial) pela outra, que a ela obedece e na qual deve se espelhar.

Toda a configuração sincrética (verbivocovisual, nos termos de Paula, 2017) do *post* constrói a unidade de sentido enunciativa. Como aponta Volóchinov: “Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia.” (2017, p. 236, destaques do autor). Além de ser uma resposta ao primeiro enunciado, também julga, avalia, interpreta e ressignifica as posições de determinado grupo, anteriormente (na figura 1) expressas. O contraste irônico habita toda a construção enunciativa material (verbivocovisual) do *post*.

Se, na figura 1, a bandeira exaltada era a do Brasil, agora é a dos Estados Unidos, como forma de criticar uma servidão, alienação de sujeitos que se auto intitulam brasileiros (como se os demais não o fossem), pela marca “verde e amarela”. Agora, a bandeira norte americana está à frente da massa (que também faz “arma” com a mão, importante signo nesse contexto, como afirmado, pois é marca de um projeto político de um candidato/grupo que, hoje, encontra-se no poder). Há ainda um jogo de aparência paradoxal, pois, por mais que se vistam com as cores do “Brasil”, como forma de pensamento, a exaltação e a reverência são para outra bandeira, estrangeira, de uma nação símbolo do capital(ismo). Por cima dos sujeitos, a bandeira estadunidense passa a vestir/constituir os sujeitos (e o Brasil) e demonstra descompasso ideológico, pois os supostos sujeitos “patriotas” servem à bandeira estrangeira, aos Estados Unidos, e se rebaixam frente a outra cultura.

Esse segundo enunciado apresenta um sentido outro para “Nação”, por meio da contradição que constitui o sujeito “brasileiro verde e amarelo”. Como afirma Volóchinov, “Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar

em oposição a ele e o reconstruir.” (2017, p. 238). Isso é o que ocorre no processo metalinguístico de construção dos *posts* aqui analisados (exemplos de um processo maior e mais amplo de construção de linguagem e de projeto político explorado nesse momento histórico, especialmente nas/pelas redes sociais): os enunciados se renovam na interação.

Os três *posts* aqui analisados se relacionam (entre si e na corrente discursiva desse momento e de outros momentos históricos), uma vez que são elos discursivos. Respondem, no pequeno e no grande tempo, às ideias de “nação” e de “ser brasileiro”. As figuras 2 e 3, a partir de uma posição socioideológica marcada na 1, ironizam, pelo contraste, a ideia de uma “nação puramente verde e amarela”, expressão de uma campanha política de um candidato que explorou signos ideológicos nacionais de outro momento (ditatorial) para ressignificá-los, com valorações muito próximas a de regimes totalitários. Em 2, a bandeira norte-americana expressa a hipocrisia patriota do ser “verde e amarelo”. Em 3, o mesmo mecanismo de contraste (uma construção verbal/vocal que nega um “vermelho” em oposição a um visual que prega outro “vermelho”) evidencia a violência do sujeito “verde e amarelo”.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov afirma que “[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos.” (2017, p. 95). No Círculo bakhtiniano, a compreensão ativa é envolta por uma resposta avaliativa, de natureza diversa. Os sentidos oriundos do contato enunciativo, da alteridade da palavra, da relação sígnica integram a corrente discursiva, como demonstrado aqui. O primeiro enunciado, carregado de posições avaliativas, suscita respostas, na interação discursiva, conforme o segundo e o terceiro *posts*, tal a dialogia fundante da linguagem.

Também como enunciado concreto, situado, valorativo e avaliativo, o terceiro *post* destaca a contradição do sujeito “verde e amarelo”, ao explorar a violência como componente identitário. “Na verdade, qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.197). As relações de sentido vivem a interação social, com um ponto avaliativo, como diz Volóchinov. Os três enunciados analisados apresentam uma valoração e um sentido de “nação”. A crítica dos enunciados 2 e 3 revela contrastes sociais pelo signo ideológico, na palavra (no sentido amplo de linguagem). Na figura 3, o traço marcado

do sujeito “verde e amarelo” é a violência em nome de um “Brasil puro”, ao sabor do descontrole regado a aspirações sociais. A crítica nasce por meio da resignificação, que coloca em cena as destoantes concepções de “nação”.

Na figura 3, em segundo plano, há uma bandeira nacional, signo presente em todos os *posts* (no segundo, a dos Estados Unidos), como tom (vocal e visual) e mote fundamental à compreensão enunciativa. Conforme Bakhtin, “A compreensão da língua e a compreensão do enunciado (que envolve *responsividade* e, por conseguinte, juízo de valor).” (2011, p 328, destaque do autor). O terceiro enunciado traz não somente o sujeito “verde e amarelo”, mas também o “vermelho” enquanto reflexo e refração de aspirações sociais como resultado de atos violentos desse sujeito que se diz patriota e “cidadão de bem”. As construções de valor, conforme dito, também implicam uma arquitetura identitária, pois o sujeito reflete e refrata essencialmente a voz social que o constitui. A construção dos *posts* colocados em diálogo é ambivalente porque revela a polarização e a tensão político-social entre grupos sociais:

18

Figura 3 – Humor Político



Fonte: Facebook (2018)⁴.

O segundo plano da figura 3, todo fechado na bandeira nacional aproximada, recortada com foco em seu centro, funciona como um quadro, em que é exposta a violência contraditória de alguém que diz querer paz e segurança. Ao se tornar todo o plano ao fundo, a bandeira intensifica a ironia desenvolvida. Como afirma Volóchinov, “É por isso que todas as ênfases ideológicas, embora feitas por uma voz individual (por exemplo, na palavra) ou por qualquer organismo individual, são ênfases sociais, que pretendem o *reconhecimento social* [...]” (2017, p.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/humorpholitico.com.br/photos/a.501688159993168/1034600383368607/?type=3&theater>. Publicado em: 12 out. 2018. Legendado como: “Ódio 🤔 por Dex”. Acesso em: 17 out. 2019.

111, destaque do autor). O sujeito, na visão do Círculo, relaciona-se com visões ideológicas de grupos sociais. As visões de mundo aqui refletidas e refratas materializam embates que desenvolvem uma construção identitária via alteridade. Os sujeitos “vermelho” e “verde e amarelo” expressam aspirações sociais conflitantes no contato.

A construção verbal/vocal acerca da bandeira se mantém, mas é ressignificada mediante uma nova representação valorativa que compõe a unidade arquitetônica enunciativa: uma outra concepção de “vermelho” se instaura pela violência de um “cidadão de bem” “verde e amarelo” sobre um outro, vestido de vermelho. O vermelho da camiseta do outro faz referência à significação pressuposta na figura 1 (de comunista, petista, esquerdista, inimigo perigoso, contra o Brasil etc), enquanto que o vermelho que espirra e mancha a bandeira não é o do dito comunista, entendido por determinado grupo social como violento e tirano, mas sim o do ódio ao outro, o vermelho da intolerância, aferido pela violência do “cidadão de bem” “verde e amarelo” que ataca o outro, vermelho, verbal, não verbal (pelas marcas de expressões faciais de raiva – vocal – expressas no desenho – visual) e fisicamente (a pauladas). Segundo Volóchinov (2017, p. 140), “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais.”.

No segundo e no terceiro enunciados, há, como movimento de resposta e compreensão ativa, uma avaliação, via ironia, do julgamento social presente no enunciado primeiro. Tal jogo de ressignificação diz respeito, como já apontado, aos conflitos ideológicos entre os grupos sociais. As forças centrífugas que influenciam esses embates se voltam à ironia, ao apontamento contraditório do sujeito, à hipocrisia, enquanto as centrípetas naturalizam determinados atos como padrão hegemônico de identidade brasileira.

O sujeito “verde e amarelo”, na figura 3, aponta com dedo em riste para o sujeito vermelho, como se o identificasse e culpasse com uma mão e segura um bastão com a outra, enquanto “grita” (a vocalidade está marcada não apenas pela entoação musical (VOLÓCHINOV, 2019b, 2109c) existente no verbal, mas pela boca aberta do sujeito e pelo traço visual de sonoridade que sai de sua boca) que “Nossa bandeira jamais será vermelha”. A construção enunciativa engloba uma irracionalidade agressiva à diferença. Em prol da negação marcada no verbal/vocal, como “defesa” ao “verde

e amarelo” da bandeira nacional vale tudo e uma agressão física se concretiza no segundo quadro, contra um tipo específico de projeto político, materializado pelo sujeito “vermelho”. A crítica reside no contraste da negação verbal/vocal expressa pelo sujeito no primeiro quadro, com a presença do “vermelho”-sangue visual na bandeira, no segundo quadro. A violência oriunda dessa defesa agressiva e impositiva acaba por, ironicamente, tornar a bandeira “vermelha”. Não pelo sentido primeiro da construção verbal, mas sim pelo sangue da intolerância de um sujeito sobre outro. Nos enunciados 2 e 3, embora haja a negação na dimensão verbal/vocal, a bandeira, em cada *post*, visualmente, é marcada pela cor “vermelha”, o que leva à reflexão acerca da polissemia ideológica da palavra.

O diálogo inconcluso

A análise aqui desenvolvida se voltou a uma movimentação discursiva contemporânea, das esferas política e midiática, a partir de três enunciados bivocais, de um momento de tensão, o processo eleitoral presidencial de 2018 no Brasil. A delimitação foi utilizada como ilustração exemplar de um embate amplo que reflete e refrata posturas acerca de uma ideia de “nação”, valorada de diferentes formas, a partir e por meio dos signos ideológicos da bandeira nacional, a camiseta da CBF e as cores “verde e amarelo” e “vermelho”. Signos históricos (grande tempo), reacentuados neste momento (pequeno tempo).

Este trabalho analisou três *posts* de *Facebook* que expressam uma concepção de “nação” marcada por uma configuração verbivocovisual (PAULA, 2017; PAULA; SERNI, 2017; PAULA; OLIVEIRA, 2019; PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b). As cores (principalmente, vermelho, verde e amarelo), os gestos (como a arma e o dedo em riste, entre outros), as expressões faciais e as marcas de vocalidade de grito, os objetos (as bandeiras – do Brasil e dos Estados Unidos, o bastão), as vestimentas (camisetas amarelas, verdes e vermelhas), a configuração dos planos, foco, dimensões etc constroem a unidade valorativa de cada enunciado, ligada à significação atrelada a uma ideia de “Brasil” e de projeto político, social, cultural e discursivo. O jogo entre vozes sociais diz respeito a uma concepção de linguagem, de mundo e de homem, em embate discursivo, no jogo da vida.

As diferentes concepções de “nação” materializam visões

distintas em jogo. No primeiro *post* há uma valoração positiva de “Brasil verde e amarelo”, incentivado como forma nacional/patriota de ser “brasileiro”. Os dois outros enunciados satirizam a concepção explicitada na figura 1 e dão vazão a outras vozes. Com isso, concretiza-se o confronto de forças centrípetas e centrífugas que habita os enunciados. O embate dialógico (responsivo, ativo, posicionado, contextualizado), como concepção de linguagem bakhtiniana, materializa-se na interação das redes, na vida, entre esferas e grupos. A ressignificação revela a polissemia da linguagem pelos posicionamentos contrastivos ambivalentes em jogo.

O objetivo de revelar a dinâmica dialógica responsiva enunciativa e de compreender a palavra “outra” em relação a “minha”, especificamente ao que concerne à noção de “nação”, polarizada por duas vozes sociais presentes de maneira ambivalente em cada um dos três enunciados analisados, dada a alteridade que rege a vida discursiva dialógica, foi alcançado.

Demonstrou-se como, em um contexto de tensões, o uso da língua(agem) e suas formas de ressignificação reflete e refrata posicionamentos. Nos termos de Volóchinov, “[...] *classes distintas* utilizam a mesma língua. Em consequência, como já visto, em cada signo ideológico interpenetram-se relações de classe orientadas de maneira distinta.” (2013, p. 199, destaques do autor). A concepção de “nação”, marcada nos signos ideológicos reiterados nos *posts* (as cores e a bandeira, por exemplo), é constituída por valorações de grupos e classes distintas (por vezes, opostas, como analisado), o que é marcado pelas vozes sociais apresentadas com tom de seriedade e ironia. Ao analisar as construções enunciativas e se voltar às formas de ressignificação, o presente artigo refletiu sobre a movimentação e a relevância da palavra e as forças sociais que a constituem.

Por fim, foi possível compreender como a ideia de “nação” é um discurso e ponto de confronto, como aponta Hall. Nos termos bakhtinianos, grupos variados implicam no signo suas visões de mundo, o que o torna arena onde se debatem concepções de “Brasil”. Ao discutir a noção de “nação”, ressaltou-se o processo discursivo, como salienta Hall, entorno da construção identitária de país e de sujeito Brasil(eiro), em embate/jogo tenso e vivo, via enunciação responsiva dialógica. Os enunciados analisados são elos na cadeia discursiva e materializações de visões sociais configuradas em suas singularidades.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. SP: Editora UNESP e HUCITEC, 1988.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2010b.
- BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I** – A Estilística. Rio de Janeiro: 34, 2015.
- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Discurso na vida e discurso na arte** – sobre a poética sociológica. Tradução da versão inglesa de Faraco e Tezza, para uso didático, Mimeo, s/d.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HAYNES, Deborah J. **Bakhtin and the visual arts**. Nova Iorque: Cambridge, 2008.
- MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.
- PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação – a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDESJR., A.; STAFUZZA, G. B. (Orgs.). **Discursividades Contemporâneas** – política, corpo e diálogo. Série Estudos da Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 287-314.
- PAULA, L.; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. In: **Raído**, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jul. 2017.
- PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A. A. de. O signo “resistência” nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. **Revista ENTRELETRAS** (Araguaína), v. 10, n. 2, p. 350-371, jul/dez 2019.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020a.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In: BUTTURI JÚNIOR, Atílio; BARBOSA, Thiago Soares. **Campo Discursivo**. Campinas: Pontes, 2020b (no prelo).
- RIBEIRO, M. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: GALLEGO, E. (Org.) **O ódio como política**: a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- VOLOCHÍINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João, 2013.

VOLOCHÍINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Rio de Janeiro: 34, 2017.

VOLOCHÍINOV, V. **Palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Rio de Janeiro: 34, 2019a.

VOLOCHÍINOV, V. O problema da obra de Beethoven I. **Palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Rio de Janeiro: 34, 2019b, p. 248-351.

VOLOCHÍINOV, V. O problema da obra de Beethoven II. **Palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Rio de Janeiro: 34, 2019c, p. 352-358

VOLOCHÍINOV, V. O Estilo do concerto. **Palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Rio de Janeiro: 34, 2019d p. 359-366.